

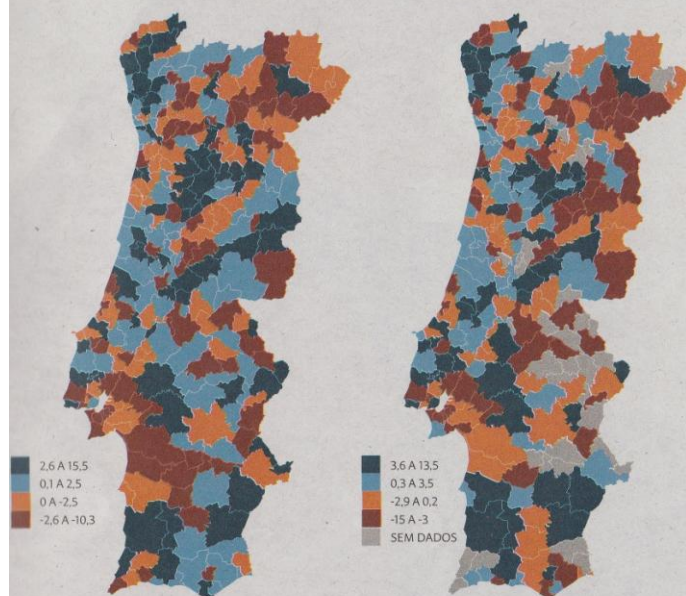
## Diferença entre as médias nos exames e as estimadas

Os mapas mostram os desvios, em cada concelho, entre as médias verificadas nos exames nacionais (no período 2011-2016) e as médias estimadas se fossem determinadas apenas pelas características socioeconómicas do concelho e da sua população escolar. Os tons a vermelho assinalam os concelhos onde os resultados ficam aquém do que seria expectável, e os desvios são negativos; os tons a azul revelam os casos em que escolas e município conseguem superar as expectativas e contrariar os fatores que puxam as médias para baixo, obtendo desvios positivos

9º ANO

SECUNDÁRIO

UM PAÍS DESIGUAL



### Superar as adversidades

Estes concelhos concentram-se sobretudo a noroeste, entre o Alto Minho, o Cávado e o Ave; no centro norte interior, em torno de Viseu, Dão e Lafões; no centro, desde o Médio Tejo até às Beiras; o Alentejo também conta com vários representantes



### Pior do que se previa

Sobretudo no nordeste, entre Trás-os-Montes e o Alto Tâmega; e a sul, em alguns concelhos da Área Metropolitana de Lisboa até à Lezíria do Tejo. Murça é o concelho mais aquém do estimado nas médias do 9º e Pampilhosa da Serra no secundário. Mas há outros que acumulam os piores resultados nos dois níveis, como Nisa, Moita, Barreiro e Ferreira do Alentejo

# Estudos das mães pesam mais nas notas do que condições das escolas

Atlas da Educação mostra quais os concelhos e escolas que ultrapassam as dificuldades do meio e as que podiam fazer melhor

ISABEL LEIRIA

Os indicadores relacionados com a origem social dos alunos e dos meios em que se inserem são mais determinantes para os resultados nos exames do que características das escolas, como a dimensão das turmas, os cursos oferecidos ou a estabilidade do corpo docente. Não sendo um exclusivo da realidade portuguesa, o peso das variáveis sociais é "elevado", comparando com avaliações realizadas noutros países.

Mas se existe, também é certo que não determina tudo. As características socioeconómicas do concelho e a percentagem de mães com ensino superior explicam metade das variações dos resultados nos exames, pelo que falta determinar tudo o resto. Esta é uma das muitas análises feitas no Atlas da Educação 2017, um projeto de investigação conduzido pelo Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa (CICS.Nova), a pedido da associação Empresários pela Inclusão Social (EPIS) e que será apresentado na próxima semana.

Nas edições anteriores do Atlas da Educação, a análise do impacto do contexto socioeconómico nas notas dos exames e nas taxas de sucesso já tinha sido analisada, mas apenas ao nível de concelhos. Os investigadores do CICS.Nova foram agora perceber o que acontecia

à escala dos agrupamentos de escolas públicas do continente. E juntaram-lhe indicadores relacionados com os estabelecimentos de ensino, para ver o que interferia mais.

A primeira conclusão é a de que, entre todas as variáveis testadas, a percentagem de mães com ensino superior é o preditor mais forte dos resultados escolares. Mais do que a baixa condição económica da família. E esse efeito aumenta à medida que se avança do 1º para o 3º ciclo. Já quando se testa o seu efeito no ensino secundário, o peso diminui. O

problema é que não será pelos melhores motivos. "O facto de esse efeito se tornar mais forte ao longo dos três primeiros ciclos do básico, reduzindo-se um pouco no secundário, sugere um processo de seleção crescente nos primeiros anos da escola", com os alunos de pais com menos habilitações a ficarem para trás.

### A desintegração imigrante

Outro dos fatores com influência, mas neste caso negativa, tem que ver com a presença de alunos de famílias

de origem imigrante (com nacionalidade estrangeira ou dupla nacionalidade), o que evidencia problemas de integração. O baixo capital económico da família de origem, medido pela percentagem de alunos beneficiários da ação social escolar, também influencia, embora o seu "poder explicativo seja inferior às duas variáveis anteriores".

Já os indicadores relacionados com as características das escolas, não sendo irrelevantes, provocam efeitos "mais fracos do que os de caracterização social", notam os autores do

EXTREMOS

1º

Arruda dos Vinhos, só com uma escola de 3º ciclo (privada com contrato de associação), é o concelho que mais supera o estimado nos exames do 9º

3

concelhos — Mesão Frio, Nisa e Pampilhosa da Serra — estão muito abaixo da média nacional

## "Escola reproduz desigualdades"

Ainda que haja escolas que contrariem as dificuldades do meio em que se inserem, a origem social dos alunos continua a ser "muito importante", diz David Justino, ex-ministro da Educação e um dos coordenadores do Atlas 2017: "Temos sempre a pretensão de que a escola seja um elevador social. Só que, muitas vezes, acaba por reproduzir as desigualdades da sociedade." Este fenómeno é visível, por exemplo, no facto de o acesso ao superior ainda ser "restrito", já que há mecanismos de seleção que funcionam ao longo do percurso escolar,

nomeadamente, através da retenção, o que faz com que muitos alunos fiquem para trás. Sendo que as taxas de insucesso são superiores entre os mais carenciados ou entre os imigrantes. Este último fenómeno não se faz sentir em todo o país, mas concentra-se em algumas escolas da Área Metropolitana de Lisboa e do Algarve: 71% dos alunos com dupla nacionalidade ou estrangeira estão em 25% das escolas. Estes números mostram que existe "segregação de alunos e escolas" e que são precisas medidas mais eficazes para prevenir a "guetização escolar e social".